

# Crônica de um verão: cinema como experiência sociológica

## Chronicle of a Summer: cinema as a sociological experience

FAGNER TORRES DE FRANÇA<sup>a</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal – RN, Brasil

MARIA DA CONCEIÇÃO DE ALMEIDA<sup>b</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal – RN, Brasil

### RESUMO

Este artigo propõe discutir a atualidade do método desenvolvido pelo pensador francês Edgar Morin (1921-) na década de 1960, denominado por ele de *sociologia do presente*. Nossa hipótese é que a sociologia do presente é uma via de abordagem multidimensional da realidade, adequada para analisar fenômenos sociais cada vez mais complexos. Tomamos como referências dois cenários específicos trabalhados pelo autor nas obras *Commune en France: la métamorphose de Plozévet* (1967) e *Crônica de um verão* (1961). A partir daí concluímos que as noções centrais de *crise* e *acontecimento*, destacadas pelo autor, tornam-se cada dia mais operativas e reflexivas, assim como o método de observação fenomenográfica, entrevista e intervenção.

**Palavras-chave:** Sociologia do presente, cinema, Edgar Morin

### ABSTRACT

This article proposes to discuss the topicality of the method developed by the French thinker Edgar Morin (1921-) in the 1960s, coined as *sociology of the present*. Our hypothesis is that the sociology of the present allows for a multidimensional approach to reality, which is suitable to analyze increasingly complex social phenomena. As reference, we take two specific scenarios developed by the author in the works *Commune en France: la métamorphose de Plozévet* (1967) and *Chronicle of a summer* (1961). We thus conclude that the central notions of *crisis* and *event*, as highlighted by the author, become increasingly more operative and reflexive, just as the method of phenomenological observation, interview and intervention.

**Keywords:** Sociology of the present, cinema, Edgar Morin

<sup>a</sup> Jornalista e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2170-4288>. E-mail: [fagnertf@yahoo.com.br](mailto:fagnertf@yahoo.com.br)

<sup>b</sup> Professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) desde maio de 2010. Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade e do primeiro ponto brasileiro da Cátedra Itinerante Unesco “Edgar Morin” (Ciuem) na UFRN. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1850-5288>. E-mail: [calmeida17@hotmail.com](mailto:calmeida17@hotmail.com)

**PLOZÉVET: O ÁPICE DE UMA EXPERIÊNCIA**

**C**ORRIA O ANO DE 1965 quando uma equipe multidisciplinar destacada pela Delegação Geral para Pesquisa Científica e Técnica (DGPCT) da França, composta por geógrafos, historiadores, sociólogos, antropólogos, médicos e hematólogos, e liderada por Edgar Morin, desloca-se para a comuna de Plozévet, localizada no departamento francês situado na região da Bretanha. O objetivo era investigar como se dava o processo de modernização pelo qual passava a sociedade francesa a partir da singularidade de uma comunidade de pescadores relativamente isolada do restante do país, mas que, à sua maneira, estava igualmente inserida nessa transformação.

Segundo Morin (1967), não havia quase nada em Plozévet que se ajustasse à imagem estatística de uma média nacional ou de um francês médio. Sobre isso, o método sociológico dominante poderia produzir dados em abundância. Tratava-se, pelo contrário, de um caso singular, excêntrico em relação ao resto da França. Devido a essa original diversidade e a suas ambivalências e contradições, suas características internas são reveladoras de um caso particular de transformação geracional, embora conectado a um desenvolvimento econômico e tecnológico de caráter mais universal.

A pesquisa desenvolvida na área é minuciosa, englobante e multidimensional. Vai do todo às partes e a ele retorna em um movimento pendular. A coabitação entre o arcaico e o novo, o moderno e o tradicional, as transformações de costumes e valores, das relações econômicas e familiares – todos estes fatores indicam que está em curso um cenário de metamorfose particular. Tudo muda, do estilo de vida à psicologia, passando pela estrutura social. Burguesia, proletariado e setores intermediários se delineiam com mais consistência. As clivagens ideológicas se redistribuem. A moral coletiva se reorganiza. Vitrines de lojas decoradas em neon dividem espaço com casas sem eletricidade. As senhoras usam coque tradicional e as jovens descobrem a calça jeans.

Edgar Morin afirma e desenvolve aquilo que chamou de “sociologia do presente” em *Commune en France: la métamorphose de Plozévet* (1967), livro definitivo em termos de elaboração e aplicação desse método multidisciplinar de investigação. Ao invés do clássico tratamento sociológico dos fenômenos, Morin propõe-se a descobrir o movimento subterrâneo das placas tectônicas que operam silenciosamente em um grupo humano e a fazê-lo emergir tal como no momento de sua observação, articulando diversas disciplinas e abordagens e evidenciando suas tendências. A dinâmica e o ritmo da comuna em mutação se juntam a um processo nacional e internacional, sem que isso signifique aculturação total ou perda radical de identidade. Nas palavras do autor,

Uma comuna é *uma* unidade complexa. Mas é também uma célula dentro de um grande corpo social. São duas características indissociáveis. Enquanto o indivíduo biológico remete à espécie genérica, o indivíduo sociológico remete à Sociedade em geral. Nossa investigação precisava então se aprofundar nos caracteres singulares da microsociedade comunal e se estender à inteligência da macrosociedade.<sup>1</sup> (1994: 215, grifo do autor, tradução nossa)

O estudo sobre Plozévet é o resultado mais acabado de uma antiga inquietação. Edgar Morin condena a fragmentação do saber e o fechamento disciplinar, em benefício de uma investigação aberta que possa dar conta de um fenômeno em seus mais variados aspectos, contrabandeando conceitos, borrando fronteiras, furando barreiras, enfrentando as patrulhas alfandegárias epistemológicas. Em outras obras, antes de *La métamorphose*, Morin já se utilizava, intuitivamente, de elementos do que futuramente chamaria de *sociologia do presente*. Vejamos como esse tema foi se desenhando para o autor.

Logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), entre 1945 e 1946, Morin foi à Alemanha percorrer suas ruínas e inevitavelmente levantou algumas questões: como um país de tradição tão rica pôde criar o nazismo? E com quais bases e forças sociais seria possível reconstruí-lo? Tais perguntas são respondidas em seu primeiro livro, *O ano zero da Alemanha* (2009), de 1946. Em outra obra, *O homem e a morte* (1988), publicada em 1951, o autor lança mão de áreas variadas do saber, tais como antropologia, biologia, psicologia e história, numa tentativa de religar e articular os conhecimentos dispersos nas ciências humanas sobre o tema da morte e o universo ritual que o cerca.

No trabalho seguinte, *O cinema ou o homem imaginário* (1970), datado de 1956, Morin desenvolve uma reflexão sobre o que chamou de “a realidade semi-imaginária do homem”: “como damos vida, personalidade e alma a imagens animadas, como nos identificamos e nos projetamos nos personagens da tela, somos felizes e sofremos com eles, mesmo sabendo que continuamos nós mesmos?” (Ibid.: 195-196). Um ano depois, em 1957, com *As estrelas: mito e sedução no cinema* (1989), seu objetivo consistia em religar entre si os diversos aspectos do *star system*: histórico, econômico, mitológico, antropológico. Ídolos como Greta Garbo, Marilyn Monroe e James Dean são seres ao mesmo tempo divinos e mortais com os quais nos relacionamos por meio de um duplo processo de *projeção-identificação*.

Em 1962, Edgar Morin publica outro livro ainda hoje fundamental para se pensar sobre diferentes aspectos da sociedade moderna. Trata-se do primeiro volume de *Cultura de massas no século XX: neurose* (2011). Com as obras acima citadas, Morin vai desenvolvendo as bases daquilo que será conhecido como

<sup>1</sup> No original: “Une commune est *une* unité complexe. Mais c’est en même temps une cellule dans un grand corps social. Ces deux caractères sont indissociables. De même que l’individu biologique renvoie à l’espèce générique, l’individu sociologique renvoie à la Société en générale. Notre investigation doit donc s’enfoncer dans les caractères singuliers de la micro-société communale et s’élargir à l’intelligence de la macrosociété”.

*sociologia do presente*, cuja estrutura teórico-prática fica mais evidente nos livros *Commune en France: la métamorphose de Plozévet* (1967), *Sociologie* (1994) e *Cultura de massas no século XX: necrose* (2006).

Um pensamento assim tão plural e versátil é conduzido pela ideia de que um fenômeno social – seja ele o processo de modernização em uma comunidade de pescadores, a ascensão da cultura de massas, o desabrochar das neomitologias em ambiente midiático ou um simples boato capaz de ganhar dimensões perigosas – é ao mesmo tempo geográfico, histórico, econômico, sociológico, psicológico etc. A *sociologia do presente* pretende, nesse sentido, devolver vida à teoria e ao concreto, empobrecidos, mutilados, fragmentados e compartimentalizados.

## RESPOSTA A UMA CRISE DA SOCIOLOGIA

A *sociologia do presente* surge em um momento no qual Edgar Morin observa a crise da própria sociologia (1998), que precisaria passar por um processo de reforma e regeneração – para não degenerar. A instituição da sociologia como uma ciência entre outras permitiu reconhecer a sociedade como um objeto específico de estudos. Mas o fechamento disciplinar e a consequente ruptura com outras áreas do conhecimento isolaram a sociedade como se fosse um sistema fechado, em grande medida esvaziando-a de sua complexidade antropológica, perdendo de vista as interações entre sociedade e indivíduos, entre o sociológico e o não sociológico, e gerando uma incapacidade de situá-la em um contexto mais amplo, assim como Morin havia feito na comuna de Plozévet.

As especializações dentro da própria sociologia (sociologia do trabalho, sociologia rural, sociologia da religião, sociologia da comunicação) foram, ao longo da história dessa área de conhecimento, formando guetos de profissionais capazes de saber infinitamente muito sobre o infinitamente pequeno, mas não de dar um passo além de suas fronteiras epistemológicas. Tal estado de coisas acaba por gerar uma compartimentalização interna que destrói a multidimensionalidade e a complexidade das realidades sociais. Tem-se, de um lado, teorias abstratas macrosociológicas que dissolvem o sistema social; e, de outro, uma microsociologia mutilante incapaz de religar a sociedade como sistema.

A questão colocada por Edgar Morin, Pablo Casanova (2006) é pertinente. Não se trata de negar a importância da disciplina e da especialização, mas de “alcançar, ao mesmo tempo, as virtudes das especializações disciplinares, com temas e problemas bem demarcados, com a força de uma perspectiva integradora, de conjunto” (Ibid.: 13), levando em conta as possibilidades e limitações

das articulações de conhecimentos e a possibilidade de se buscar novas formas de especialização.

Casanova (Ibid.) traz o exemplo de Aristóteles, cujo *Organon*, uma de suas obras mais conhecidas, articulava filosofia, ciências naturais e humanas. Apesar disso, “os variados conhecimentos do saber organizado que Aristóteles alcançou não o impediram de ser rigoroso em cada uma das disciplinas em que trabalhou” (Ibid.: 14).

Na Idade Moderna, prossegue Casanova (Ibid.), fizeram-se cada vez menos esforços para vincular os conhecimentos. Humanistas como Leonardo da Vinci e Goethe praticaram as letras, as artes e as ciências. Mas um dos graves problemas das especializações é a incomunicação gerada entre diferentes especialistas. Em contrapartida, a excessiva compartimentação disciplinar produziu um movimento inverso, que pode ser observado pelo menos desde 1930, apontando a importância do cruzamento disciplinar ou mesmo pregando, de forma mais radical, “a demolição das fronteiras disciplinares” (Ibid.: 19).

Nos primórdios dos anos 1900, enquanto as ciências sociais se aproximavam do modelo mecanicista e determinista das chamadas ciências duras, a própria física já tratava de atingir outros patamares: abria-se às bifurcações, às singularidades, à indeterminação, à incerteza, ao inacabamento, à imprevisibilidade e à causalidade múltipla. Em sentido contrário, os “quatro canais de fluxo sanguíneo irrigadores da ciência” clássica (Almeida, 2012: 54) seriam os fluxos da ordem, do princípio da separabilidade, da redução e da lógica indutiva-dedutiva-identitária.

Esses pilares que sustentavam o paradigma da ciência clássica começam, a partir do século XX, a ruir, emitindo sinais de enfraquecimento e necrose com o surgimento das noções de desordem, de não separabilidade, de não redutibilidade e de incerteza lógica. Nesse processo,

Além do desgaste sofrido pelas noções de ordem, separabilidade, redução e lógica identitária, o que mais necrosa no interior da ciência? Os conceitos de verdade unitária e absoluta. De objetividade. De certeza. Nos primeiros anos do século XX o físico dinamarquês Niels Bohr dirá que a descrição de um fenômeno não é sua cópia; que alguns fenômenos se apresentam de forma dualizada, paradoxal, ambígua, ambivalente. O biólogo chileno Humberto Maturana argumentará que só é possível falar em objetividade entre parênteses e Werner Heisenberg em 1927 construirá o princípio da incerteza. (Ibid.: 56)

No mesmo sentido caminham os participantes da Comissão Gulbenkian (Wallerstein, 1996). Em 1993, dez investigadores das mais diversas áreas, entre elas as ciências sociais e as ciências da natureza, incluindo o sociólogo

estadunidense Immanuel Wallerstein e o químico russo naturalizado belga Ilya Prigogine, foram convidados pela Fundação Calouste Gulbenkian, de Portugal, para discutir a reestruturação das ciências sociais. O resultado foi publicado em 1996 com o título *Para abrir as ciências sociais* (Ibid.). Dentre as conclusões obtidas figura que, em um mundo mais instável, cada vez mais complexo, onde as perturbações desempenham um papel de grande relevo, as ciências sociais precisam se renovar. Os sistemas sociais e históricos devem ser tratados como sistemas abertos, complexos, dinâmicos, não lineares e longe do equilíbrio.

É nesse contexto que Edgar Morin conclama uma reforma do pensamento sociológico que comporte simultaneamente o emprego de uma cientificidade não mutilante e o reconhecimento de uma possibilidade de conhecimento não estritamente científico. Isso implica um avanço em seis frentes: 1) aceder a um conhecimento epistemológico que corresponda ao desenvolvimento contemporâneo oriundo das descobertas das ciências; 2) operar um remembramento sistêmico dos conhecimentos parcelares; 3) restabelecer a comunicação/articulação com as outras ciências humanas; 4) articular explicação como aquilo que permite a um sujeito conhecer um objeto enquanto objeto, e a compreensão como aquilo que, seja por projeção ou identificação, permita conhecer um sujeito enquanto sujeito; 5) abrir o pensamento sociológico para a literatura, na medida em que esta oferece um conhecimento da vida social inencontrável nas pesquisas e nos trabalhos sociológicos (o sociólogo como cientista e ensaísta); e 6) interrogar o presente imediato, incluindo os acontecimentos (Morin, 1998).

A sociologia mecanicista, determinista, compartimentada, reducionista e quantitativista operou um desencantamento do mundo social. A reforma da sociologia, na visão de Morin (Ibid.), precisa redescobrir a complexidade, a riqueza, a beleza, a poesia, o mistério, a crueldade e o horror – em suma, a vida e a humanidade. A *sociologia do presente* é uma das respostas possíveis a essa crise da sociologia.

## A ATUALIDADE DA SOCIOLOGIA DO PRESENTE

Entre as partes das ciências sociais que precisam de regeneração está a questão do método. Ao pesquisar temas tão variados como a Alemanha do pós-guerra, o cinema, o *star system*, a cultura de massas, uma comunidade de pescadores na França, Maio de 68 (Morin; Lefort; Castoriadis, 1968), ou um simples boato antissemita difundido na cidade de Orléans (Morin, 1969), causando temor entre as mulheres, Morin está efetivamente à procura de seu próprio método, que começará a ser cuidadosamente sistematizado a partir de 1977. Naquele ano ele começa a escrever sua obra máxima, *O método*<sup>2</sup> (2011a; 2011b; 2012a,

<sup>2</sup> No Brasil, as primeiras edições de *O método* foram publicadas na íntegra pela editora Sulina entre 1998 e 2005, com sucessivas reedições.

2012b; 2013; 2015a), publicada em seis volumes e cujo último tomo foi lançado apenas em 2004 – um empreendimento que levou 27 anos para ser concluído, resultando no que hoje conhecemos como método complexo, pensamento complexo ou, simplesmente, complexidade.

Nesse percurso, é curioso observar como a construção dos seis volumes de *O método*, tomando como ponto de partida o primeiro livro, de 1977, parece já estar em período de incubação na pesquisa empreendida por Edgar Morin doze anos antes, em 1965, na comunidade de Plozévet. É possível reafirmar, como já dissemos em outro lugar, que o pensamento complexo está contido na sociologia do presente *in nuce* (Almeida; Carvalho, 2012).

*Complexidade e sociologia do presente* não são palavras anódinas, e nada se ganha ao simplesmente anunciá-las dissociadas da prática, como se apenas isso garantisse sua eficácia. Não são modelos prontos de investigação e não correspondem a um esquema prévio de pesquisa. São estratégias de abordagem da realidade, um trabalho de investigação minucioso, multidimensional e transdisciplinar, que se esforça para dar conta de um fenômeno e para fazê-lo emergir por todos os meios possíveis. O método propriamente dito apenas se revela ao final: é uma aventura nos conhecimentos e nas ignorâncias de onde, finalmente, ele emerge, como explica Morin (2015b) em *L'aventure de la méthode*.

Dois imperativos se apresentam para a sociologia do presente. O primeiro é o de interrogar um acontecimento imprevisível, de constatar o que ele revela, modifica e inova. O segundo consiste em dedicar-se ao conhecimento de uma realidade concreta (Morin, 2010). Como fez em seus numerosos livros, Edgar Morin também praticou esses dois movimentos em diversos artigos escritos para o jornal francês *Le Monde* durante mais de cinquenta anos, compilados numa publicação intitulada *Au rythme du Monde: un demi-siècle d'articles dans Le Monde* (2014b). Em seus textos sociológico-jornalísticos, Morin analisa, no calor do momento, alguns acontecimentos que marcaram a história da França e do mundo, como o Maio de 1968.

A noção de *acontecimento* delinea-se, portanto, como uma das categorias fundamentais da sociologia do presente, assim como a de *crise*. Tais noções estão teoricamente mais desenvolvidas por Morin principalmente em três obras: *Sociologie* (1994), *Cultura de massas no século XX: necrose* (2006) e *Ciência com consciência* (2014a).

A noção de *crise*, midiaticamente inflada, espalhou-se por todos os horizontes da consciência contemporânea, generalização cuja consequência é o seu próprio esvaziamento conceitual. Há crises diárias e de todas as ordens: econômicas, humanitárias, sociais, ambientais, conjugais etc. Por isso há de se problematizar a própria noção de crise, no sentido de torná-la “cientificamente



utilizável e epistemologicamente controlável” (Id., 1998: 140). A isso Morin chama de *crisiologia*, associando ao conceito de crise uma constelação de ideias inter-relacionadas, como as de perturbação, desordem e incerteza. Toda crise, portanto, pode ser concebida por seu caráter multidimensional e “acontecimental”.

Para Morin (Ibid.), há uma oposição entre a sociologia dominante, da especialização disciplinar e das regularidades estatísticas, e a sociologia do presente, centrada mais sobre o fenômeno que sobre a disciplina, mais sobre o acontecimento que sobre as variáveis. O eventual, no sentido de acontecimento ou fenômeno minoritário, tem, para Morin, uma importância crucial para a abordagem no processo de mudança social, constituindo-se em um teste ativo “sobre o sistema no qual atua, ao mesmo tempo em que intervém de forma múltipla e decisiva na história humana”, como esclarece Almeida (2012: 112).

No desenvolvimento da racionalidade científica, o acontecimento foi inicialmente perseguido e posto na ilegalidade tanto nas ciências físico-químicas quanto na sociologia. Na atualidade, sua reintegração às ciências sociais deve ser pensada no sentido de reabilitar aquilo que antes era excluído por ser insignificante, imponderável ou estatisticamente minoritário, perturbar a estrutura ou o sistema; mas que pode ser significativo por ser revelador, desencadeante, enzima, fermento, vírus, acelerador, modificador do padrão, da normatização e do maioritário (Morin, 1998).

Em sua *Carta para as futuras gerações*, Ilya Prigogine (2009) fala sobre o acontecimento em relação a um sistema aberto e complexo, como a sociedade: um evento (entendido aqui como acontecimento) “implica um aparecimento de uma nova estrutura social depois de uma bifurcação; flutuações são o resultado de ações individuais” (Ibid.: 13). O químico belga traz o exemplo da Revolução Russa de 1917 para esclarecer essas noções:

Todo evento tem uma “microestrutura”. Tomemos como exemplo histórico a Revolução Russa de 1917. O fim do regime czarista poderia ter tomado diferentes formas, e a ramificação que se seguiu a ele resultou de diversos fatores, tais como falta de previsão do czar, a impopularidade de sua mulher, a debilidade de Kerensky, a violência de Lênin. Foi essa microestrutura, essa flutuação, que determinou o desfecho da crise e os eventos que a ela se seguiram. (Ibid.: 14)

Se para Morin a *sociologia do presente* deve privilegiar o que é da ordem do minoritário, mas capaz de revelar tendências, para Prigogine (Ibid.), no mesmo sentido, a história é uma sucessão de bifurcações. A descoberta do petróleo, por exemplo, é um acontecimento e uma bifurcação.



Entre 1967 e 1968 o debate sobre a natureza e o papel da sociologia alcança acentuada virulência na França. Os acontecimentos de Maio de 1968 serviram para acentuar ainda mais a clivagem, colocando em causa a sociologia dominante. Nesse momento de efervescência social, Morin (2006: 25) conclui que

De fato, só se pode tentar compreender Maio de 1968 se [os sociólogos] levarem em consideração outras técnicas de pesquisa que não o questionário por amostragem que domina (dominava?) a sociologia e que, incapaz de cavar por baixo da crosta superficial das opiniões, era incapaz de prever o que estava latente ou brotava, ou de ver e conceber o dinamismo e as rupturas. Só se pode tentar compreender o Maio de 68 se se procura ficar acima e além do saber disciplinar parcelado, tentando reunir um corpo teórico de hipóteses para abarcar e estruturar o fenômeno.

Em síntese, é possível afirmar que a *sociologia do presente* propõe uma reelaboração teórico-prática e epistemológica por parte da sociologia. As noções-chave de *crise e acontecimento* não remetem a incidentes puramente ocasionais, nem à categoria do contingente. A necessidade que anima a *sociologia do presente* é a de representar o papel do elemento marginal, ao mesmo tempo negativo (polêmico) e positivo (reconstrutor) (França, 2017). Daí a importância da noção central de *acontecimento*, utilizada para designar o improvável, acidental, aleatório, singular, concreto, histórico; mas que vai se abrindo para outras noções e construindo narrativas abrangentes, de onde deriva sua complexidade, sua imprevisibilidade e seu caráter transdisciplinar (Morin, 2006).

Para tornar mais clara sua proposta, em *Cultura de massas no século XX: necrose*, Morin (Ibid.) elenca seis princípios de uma sociologia do presente, dando destaque à noção de acontecimento. Vejamos:

1. Para poder prestar atenção à *crise* e ao *acontecimento*, a *sociologia do presente* deve ser fenomenológica, ou seja, saber observar o fenômeno como emergência empírica dotada de múltiplos aspectos, aliando adequadamente teoria e prática.
2. Acontecimento significa irrupção, ao mesmo tempo, do vivido, do acidente e do singular concreto no tecido da vida social. Por isso é preciso fazer seu diagnóstico de forma exaustiva. É possível elaborar teorias a partir de fenômenos extremos, não apenas das regularidades estatísticas.
3. Do ponto de vista sociológico, o acontecimento é tudo aquilo que não se inscreve nas regularidades estatísticas. O acontecimento-informação é, por princípio, desestruturante: “De fato, é com muito mais frequência

- sob o impacto de acontecimentos históricos, grandes ou pequenos, que voltamos a questionar nossos sistemas explicativos” (Ibid.: 28).
4. O acontecimento tem caráter perturbador e modificador. Por sua imprevisibilidade, pode gerar processos de progressão ou de regressão.
  5. Para a *sociologia do presente*, as crises constituem fontes de extrema riqueza. Reúnem o caráter accidental, o caráter de necessidade (revelando uma parte submersa em ebulição) e o caráter conflitual.
  6. A *sociologia do presente* exige a pesquisa viva, a observação, a participação-intervenção.

É preciso, pois, observar as articulações que se estabelecem entre as noções aludidas pelo autor. Os anos 1960 foram, para Morin, repletos de *acontecimentos-choques* que desafiaram as categorias da sociologia clássica. O acontecimento inesperado provoca surpresa e obriga a reexaminar as concepções até então dominantes, a reconhecer a crise invisível que se revela e a encarar as novidades que se podem introduzir. Um desses acontecimentos foi particularmente importante.

Em 22 de junho de 1963, um evento musical na Praça das Nações, organizado pela emissora de rádio Europa nº 1 e pela revista *Salut les copains*, atrai cerca de 200 mil pessoas – adolescentes, em sua maioria. Em pouco tempo o encontro se transforma em violência, com depredações, automóveis virados e enfrentamento com a polícia, para a consternação dos organizadores, dos jornalistas e da classe política. Em artigo solicitado pelo *Le Monde*, Morin (2014b) identifica, entre outras coisas, o surgimento na cena pública de uma nova “classe de idade”, a dos adolescentes (chamados de adeptos do *iê-iê-iê*), com seus valores de contestação às autoridades e uma necessidade de autoafirmação. Na explicação de Bernard Paillard (2008: 21-22),

Esse acontecimento provocará, sobretudo, um impacto metodológico: o acontecimento adquire *status* de analista social e seu estudo “instantâneo” permite a formulação de “diagnósticos” sobre os processos evolutivos em ação na sociedade. Dessa forma, a análise do acontecimento contingente passa a fazer parte da panóplia metodológica de Edgar Morin.

De fato, a noção de acontecimento em Edgar Morin é bastante ampla. Para nosso propósito, basta dizer que “o estudo da virulência acontecimental não se pode separar dos processos de comunicação dos acontecimentos nem dos caracteres simbólicos, ou mesmo mitológicos, que adquirem desde que entram na comunicação social” (Morin, 1998: 166). Daí nossa aproximação com a ideia de acontecimento comunicacional. O próprio autor assinala essa relação

ao afirmar que o acontecimento deve ser concebido em primeiro lugar como um acontecimento-informação, que irrompe tanto no sistema social como no sistema mental do sociólogo.

Esse percurso de construção de uma sociologia do presente revela, a um só tempo, ecos e prenúncios. Ecos de *O ano zero da Alemanha* (2009), *O cinema ou o homem imaginário* (1970), *As estrelas: mito e sedução no cinema* (1989), *Cultura de massas no século XX: neurose* (2011c), e prenúncios de *Commune en France: la métamorphose de Plozévet* (1967) e *Mai 68: la brèche* (Morin; Lefort; Castoriadis, 1968). Em todos esses casos há a busca por um método, que o autor foi amadurecendo durante toda sua obra, capaz de melhor abordar um fenômeno social levando em consideração sua complexidade e multidimensionalidade. Assim como no caso de Plozévet, o objetivo da *sociologia do presente* é reconhecer a potência da dupla natureza, particular e universal, dos fenômenos estudados, supostamente insulares e insignificantes.

A essas vias de aproximação da realidade Morin chamou de *método in vivo*, ou simplesmente método vivo, que privilegia observações fenomenográficas, entrevistas e participação nas atividades coletivas de pesquisa. Um método vivo, longe de ser um programa rígido ou uma receita de pesquisa de campo, é, antes, uma estratégia que vai se desenhando durante o processo de investigação e só aparece ao final. Está em permanente reconstrução. Seus princípios gerais exigem articulação entre subjetividade e objetividade, criatividade, sensibilidade e inventividade do pesquisador, como explica Almeida (2012).

A observação deverá ser simultaneamente panorâmica e analítica, capturar o conjunto do campo perceptivo e distinguir cada elemento particular. Fazendo uso da literatura para esclarecer seu ponto de vista, Morin acredita na necessidade de um pesquisador que seja ao mesmo tempo Balzac, capaz de ter uma visão enciclopédica da sociedade, e Stendhal, treinado para detectar o detalhe significativo, que deixa de ser acessório para tornar-se revelador.

Nesse panorama, perde sentido a oposição entre micro e macropesquisa, como entende Almeida (2012). A atitude fenomenológica aproxima-se de uma ciência do sensível, articulando teoria e prática, pesquisa fundamental e pesquisa aplicada, empiria e reflexão, consciência da hibridação entre particular e universal.

Uma das experiências mais marcantes desse tipo de atitude investigativa foi realizada por Edgar Morin não a partir de um livro, mas do cinema.

### CRÔNICA DE UM VERÃO, UMA SOCIOLOGIA DO PRESENTE

Em 1960, Edgar Morin e Jean Rouch (1917-2004), cineasta e etnógrafo francês, haviam sido jurados no primeiro festival do filme etnográfico e sociológico,

o *Festival dei Popoli*, em Florença, na Itália. Rouch já se destacava no cenário cinematográfico mundial com seus trabalhos de etnificação em comunidades africanas, entre eles *Os mestres loucos* (1955), *Eu, um negro* (1958) e *A pirâmide humana* (1959). Morin propõe então a Rouch realizar semelhante experimento etnográfico tendo como cenário a cidade de Paris.

Dessa proposta nasce *Crônica de um verão* (2008), de 1961. Inicialmente o filme chamar-se-ia *Como você vive?* A intuição de Morin era de que a partir de perguntas ao mesmo tempo simples, desconcertantes e desafiadoras (por exemplo, “você é feliz?”) seria possível acessar algo na consciência desperta. Uma espécie de acontecimento no pensamento, capaz de revelar crises articuladas com questões referentes ao modo de vida em uma grande cidade em acelerado processo de desenvolvimento e modernização, na esteira dos chamados anos dourados da economia liberal do pós-guerra, entre 1948 e 1973. O filme se passa basicamente em torno de sete personagens não atores: Ângelo, operário especializado da Renault; Landry, imigrante do Congo; Marilu, uma secretária italiana; Marceline, uma judia que ainda muito jovem havia sido deportada para o campo de concentração de Auschwitz; Gabillon, empregado da Société Nationale de Chemins de Fer Français (SNCF)<sup>3</sup>, e sua esposa; e Jean-Pierre, estudante de 20 anos. A ideia era rodar o longa-metragem de forma que o aproximasse mais da vida que do cinema, no sentido de extrair das interações uma espécie de *verdade sociológica*. Revelam-se aí os motivos de os autores terem batizado o gênero de cinema-verdade.

Morin sempre esteve convicto de que cada pessoa oculta em si um poeta, um filósofo, uma criança. Por isso a necessidade de fazê-las falar, garantir-lhes alguma visibilidade em seus problemas, desejos e inquietações cotidianos. Mais do que isso, as perguntas eram uma tentativa de acessar um substrato social mais denso. A questão não era saber se os entrevistados eram casos raros ou excepcionais, mas era uma forma de descobrir se os problemas particulares apresentados eram ou não profundos e gerais: “os do trabalho alienado, da dificuldade de viver, da solidão e da busca de uma fé – questões fundamentais que dizem respeito à vida de cada um” (Morin, 2010: 161).

Está aí implícito o tema da grande cidade, da cidade luz, atrativa, mas que é também uma cidade tentacular, por vezes sufocante, ambivalente. Nela se misturam as questões da convivência com o estrangeiro, do subemprego, do isolamento, da falta de perspectiva e as esperanças que os personagens alimentam de uma vida melhor. Paris era, no fundo, um concentrado particular de toda a civilização, singular e universal, onde se podiam encontrar todas as contradições da própria vida, das relações e dos sentimentos. Para isso, foram necessárias 26 horas de filmagens, das quais foram extraídas seis horas e, finalmente, uma hora e trinta minutos de filme.

<sup>3</sup> Empresa pública de transporte ferroviário da França.

*Crônica de um verão* (2008) vai ao encontro do que Morin classifica de desafios da sociologia reformada, que são basicamente três. Primeiro, desenvolver tanto uma vocação científica (cultura científica) quanto ensaística (cultura humanística), de modo a fazer comunicar e interfecundar as duas culturas. Segundo, enfrentar a complexidade antropológica da vida, articulando as dimensões separadas das disciplinas fragmentadas das ciências humanas (por exemplo, abrindo a sociologia para o campo das artes, como a literatura e o cinema). Terceiro, refundar mais propriamente o pensar e o fazer sociológico no contexto de uma transformação de paradigmas das ciências humanas (Morin, 1998).

Junte-se a isso as formulações de Vera França (2012), que trabalham a interface mídia/acontecimento. A autora classifica os acontecimentos como fatos que ocorrem a alguém, provocam ruptura e desorganização, introduzem diferença, suscitam novos sentidos, fazem pensar e agir e curto-circuitam o tempo linear, pois, acontecendo no presente, convocam o passado e problematizam o futuro. A mídia, nesse sentido, pode ser tanto o lugar de onde surge e se produzem acontecimentos como o espaço de sua repercussão. Com essa ideia, França pretende enfatizar a centralidade dos meios de comunicação de massa na criação e proliferação dos acontecimentos.

Tal proposição é fundamental para a abordagem do filme em tela. A primeira cena de *Crônica de um verão* (2008) apresenta o amanhecer em Paris ao som de uma sirene. A paisagem sonora é também um destaque do longa. Marceline e Nadine saem às ruas movimentadas, munidas de microfone, disparando à queima-roupa nos transeuntes a questão inicial: “você é feliz?”. No início há resistência. A maioria se recusa a responder. Um estudante de filosofia, leitor de René Descartes, devolve a pergunta questionando o que elas entendem por felicidade. Um senhor entristecido relembra a família que perdeu, enquanto outra entrevistada responde que sim, é feliz, “pois é jovem e faz sol”.

Ressalta-se aqui um dos princípios fundamentais da *sociologia do presente*: a entrevista. A escolha dos entrevistados se opera da seguinte forma: primeiramente, ao acaso, o que Morin classifica de pseudoconversa, ou seja, perguntas pré-escolhidas e respostas rápidas; em segundo lugar, por amostragem de regiões diversificadas da cidade; e em terceiro, por uma seleção sistemática dos personagens, com os quais será desenvolvida uma entrevista em profundidade. É o mesmo método aplicado na comuna de Plozévet. O objetivo não é chegar a uma representação média do francês, mas a uma significação máxima, procurando casos que permitam a constituição de polos de oposição tipológicos (jovens-velhos, modernos-tradicionais, moradores locais-imigrantes).

Em um segundo momento do filme, selecionados os personagens centrais, as entrevistas vão ganhando cada vez mais densidade. A função desse tipo de

procedimento é fazer emergir a personalidade, os desejos essenciais e a concepção de vida do entrevistado por meio de conversações com caráter errante e oblíquo. Aqui está implícito também o caráter acontecimental da entrevista, pois não se sabe o rumo que ela vai seguir – mas é fundamental para a crise que pode revelar. Nesse nível, a entrevista é bem-sucedida a partir do momento em que a palavra do entrevistado é liberada de suas inibições e se torna um “acontecimento comunicacional” (Marcondes Filho, 2013).

Ciro Marcondes Filho (Ibid.) trabalha com a ideia de comunicação como acontecimento. Para o autor, o real é produto de um choque entre “coisas” (pessoas, objetos, sentimentos, estados de espírito etc.). É no momento do encontro que algo se produz. A comunicação como acontecimento se estabelece no espaço *entre*, no “durante” (o que o autor chama de *princípio da razão durante*). Da mesma forma, o sentido ocorre uma única vez, envolto por uma tessitura de “elementos sensíveis” (Ibid.: 41-42) composta pelo tempo, pelo lugar, pela atmosfera, pelo humor, que concorrem para uma situação irrepetível e, portanto, singular, de caráter acontecimental. Determinado sentido não se produzirá jamais novamente da mesma forma, pois já não é mais o mesmo. *Crônica de um verão* (2008) é, ainda hoje, um filme paradigmático do cinema-verdade.

O método de pesquisa “metapórico” elaborado por Ciro Marcondes Filho (2013) aproxima-se do método de Edgar Morin ao propor que a comunicação, como produção de sentido, está vinculada a uma ocorrência determinada, ou seja, a um acontecimento. Nas palavras do autor, as “forças ou energias que a possibilitaram o fizeram de uma forma aleatória e irrepetível: o sentido só ocorre uma vez. Os fatos têm seu *instante oportuno* pelo encontro acidental de todas as causas favoráveis” (Ibid.: 44, grifo do autor). A comunicação ocorre no espaço entre, diz ele. Mas Marcondes Filho se distancia de Morin no momento em que este pretende algo que “revele o mistério das coisas”, sem levar em conta que “o mistério do outro é tão insondável quanto o mistério do sonho” (Ibid.: 73).

De fato, em *Sociologie*, Morin (1994) acredita que a entrevista em profundidade pode levar a entrever a dimensão oculta das existências: “a entrevista nos conduz ao último continente inexplorado do mundo moderno: o outro”<sup>4</sup> (Ibid.: 220, tradução nossa). Mas seu método é claro ao propor que a dimensão da realidade social, portanto também a dimensão do outro, é sempre aberta, incompleta, imprevisível, instável, não linear, marcada pelo inacabamento. Nenhuma pesquisa é capaz de esgotar seu tema, principalmente quando se trata da condição humana. Mesmo assim, após um tempo de imersão, a comunicação – o “mistério insondável” ao qual se refere Marcondes Filho (2013) – faz manifestar, na perspectiva moriniana, mudanças de perspectivas, aparição de temas obsessivos, emergência de aspirações e insatisfações, permitindo elaborar

<sup>4</sup> No original: “L’interview nous porta vers le dernier continent inexploré du monde moderne: l’autre”.



uma explicação possível, ao mesmo tempo singular e universal, sobre determinada realidade social (por exemplo, os efeitos do processo de modernização em Plozévet ou em Paris).

Uma das sequências mais marcantes de *Crônica de um verão* (2008) é uma conversa entre Ângelo, o operário da Renault, e Landry, o imigrante congolês, sentados na escada de um edifício. Um encontro marcado, embora imprevisível; um acaso objetivo, diriam os surrealistas. Morin diz ver ali o surgimento de uma amizade sincera em frente às câmeras. Ângelo queixa-se de uma sociedade consumista que privilegia a aparência em detrimento de uma vida verdadeiramente melhor. Diz que o operariado sacrifica todo o salário para comprar o carro do ano, a roupa da marca, enquanto em casa falta comida – sintomas de uma modernização fartamente problematizada por Morin em algumas de suas obras, como *Cultura de massas no século XX: neurose* (2011c), *Cultura de massas no século XX: necrose* (2006) e *Sociologie* (1994): a questão do bem-estar, da civilização do automóvel, da publicidade, da indústria cultural, da crise da felicidade, da espetacularização da política, do problema ecológico.

A partir da segunda metade de *Crônica de um verão* (2008), o filme, que até então se limitava às entrevistas de caráter pessoal, abre-se para as discussões coletivas, intermediadas pelos realizadores, sempre prontos para levantar uma ou outra questão. Esse é o princípio da intervenção colocada pela sociologia do presente, que se sobressai em alguns momentos-chave: quando o pesquisador detecta uma situação grávida de mudança e inovação, ou quando conduz os entrevistados a se interrogarem sobre seu próprio pensamento.

Em uma das discussões Marceline afirma, diante de um grupo de várias pessoas, incluindo dois africanos, que “jamais se casaria com um negro”, mas que “admira a forma como eles dançam”. Landry rebate, acusando-a de reproduzir estereótipos. Morin, então, pergunta ao congolês: “você sabe o que significam esses números tatuados no braço de Marceline?”. “Um número de telefone?”, responde ele. “É meu número de matrícula no campo de concentração”, esclarece Marceline. Há um corte para uma cena de rara poesia: Marceline caminha sozinha pela Place de la Concorde relembrando a última imagem do pai, que a presenteou com uma cebola antes da separação em Auschwitz, de onde nunca mais sairia.

Não obstante, a intervenção deve ser no sentido de provocar questões, não de fixar normas. Na penúltima cena do filme, Morin reúne os atores em uma sala para a projeção do material filmado até o momento. A ideia era que os personagens analisassem as performances uns dos outros. Houve acusações de impudor e exibicionismo, falsidades e autenticidades. Cada um reconstituiu o conjunto do filme em função de suas projeções e identificações próprias. Relembrando esse momento quase cinquenta anos depois, Morin (2010: 161)



comenta: “eu esperava que um reencontro final entre os diversos protagonistas do filme levasse a uma compreensão mútua. Houve, ao mesmo tempo, compreensões e incompreensões”.

*Crônica de um verão* (2008) pode ser considerado, portanto, uma investigação sobre essa realidade multidimensional da sociedade francesa. Mas é também um olhar sobre o estilo de vida do homem urbano da época, partindo de uma leitura do particular para o universal e instalando-se, nesse movimento, no *entre*. Entre o infinitamente pequeno (microsociologia) e o infinitamente grande (macrossociologia) entram em cena o desejo, a memória, o imaginário, as aspirações, as esperanças e as frustrações.

Percebe-se que os elementos desenvolvidos durante a década de 1960 sobre a *sociologia do presente* já aparecem aí em estado embrionário. *Crônica de um verão* (Ibid.) aborda a problemática do filme sociológico no sentido de desenvolver um projeto cinematográfico de antropologia urbana, antropologia nas sociedades contemporâneas ou um projeto transdisciplinar entre sociologia, antropologia e cinema (e outras áreas complementares).

Não se trata de reduzir as ciências sociais a uma miscelânea de perspectivas individuais, mas de considerar que a possibilidade de uma abertura das ciências sociais – seja pelo cinema, seja pela receptividade a uma multiplicidade de experiências culturais e de narrativas múltiplas dos próprios sujeitos implicados na pesquisa – equivale a aumentar a possibilidade de um conhecimento mais objetivo, porque é também um questionamento permanente dos próprios modelos teóricos de pesquisa. O universalismo é sempre historicamente contingente. Nesse sentido, a possibilidade da verdade, aqui, é sempre um *dever*, e não uma *essência*; é sempre uma *ação*, e não uma *revelação* (Ribeiro, 2015).

A tendência do *cinema-verdade* é também pôr em causa o processo de produção e concepção do filme, fazendo com que ele mesmo se torne um acontecimento central de investigação. Em *Crônica de um verão* (2008) há uma impossibilidade de se representar a vida (porque as representações dos atores são sempre questionadas pelos outros atores) e uma impossibilidade de se alcançar uma verdade essencial (Satt, 2008). Opera-se aqui com os princípios de incerteza, emergência, imprevisibilidade e acontecimento. Os próprios participantes do filme se questionam, ao final: “nossas representações são verdadeiras ou não?”. As percepções que uns e outros vão elaborando do filme e de suas representações entram em choque durante a discussão final. Portanto trata-se de uma verdade impura mas, como diz Morin na última cena do filme: “nós participamos do processo inteiro do filme, conhecemos todas as pessoas implicadas no processo e vimos que não era mentira. E se era mentira, aquela era uma parte sua muito verdadeira” (*Crônica...*, 2008).

*Crônica de um verão* (Ibid.) se encerra com um diálogo entre Morin e Rouch fazendo a autocrítica (parte fundamental da *sociologia do presente*) do projeto, dos caminhos percorridos, da participação afetiva dos autores e atores e comentando sobre um fracasso relativo do filme, confirmando o caráter imprevisível e inacabado da experiência sociológica, seja ela cinematográfica, experimental, investigativa ou mais propriamente técnica e conceitual. A tendência do filme é também pôr em causa o processo de produção e concepção da obra, fazendo com que ele mesmo se torne um acontecimento central de investigação, colocando o próprio estatuto do ator em perspectiva e problematizando a questão da imagem (França, 2017).

Concluindo, a *sociologia do presente*, na perspectiva de Edgar Morin, não se reduz a uma técnica de observação e pesquisa da realidade. Seja cinematográfica ou estratégia investigativa de caráter intervencionista, ou, ainda, um horizonte epistemológico mais propriamente teórico e conceitual, tal experiência sociológica requer a recusa das macroinvestigações panorâmicas (estatísticas do padrão invariante) e a abertura ao singular e ao minoritário, que podem conter germes e tendências de mudança sociocultural. ■

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. C. *Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento*. Natal: EDUFRN, 2012.
- \_\_\_\_\_. Método complexo e desafios da pesquisa. In: ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. *Cultura e pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 97-111.
- ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. *Cultura e pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- CASANOVA, P. G. *As novas ciências e as humanidades: da academia à política*. Tradução de Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2006.
- CRÔNICA de um verão. Direção: Edgar Morin e Jean Rouch. Produção: Anatole Dauman. Roteiro: Jean Rouch. Música: Pierre Barbaud. Rio de Janeiro: Coleção Videofilmes, 2008. 1 DVD (85 min). P&B.
- FRANÇA, F. T. Desdobramentos da sociologia do presente de Edgar Morin. In: CONGRESSO INTERNACIONAL NUEVOS HORIZONTES DE IBEROAMÉRICA, 3., 2017, Mendoza. *Anais...* Mendoza (Argentina): CILHA, nov. 2017. v. 1, p. 325-326.
- FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. *Galáxia*, São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2D8BZIL>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

- MARCONDES FILHO, C. *O rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humanos, medial e tecnológico: nova teoria da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2013. v. 1.
- MORIN, E. *Commune en France: la métamorphose de Plozévet*. Paris: Fayard, 1967.
- \_\_\_\_\_. *La rumeur d'Orléans*. Paris: Le Seuil, 1969.
- \_\_\_\_\_. *O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia*. Tradução de António Pedro-Vasconcelos. Lisboa: Moraes, 1970.
- \_\_\_\_\_. *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.
- \_\_\_\_\_. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Tradução de Luciano Trigo. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Sociologie*. Paris: Fayard, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia*. Tradução de Maria Gabriela de Bragança e Maria da Conceição Coelho. Lisboa: Publicações Europa-América, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Cultura de massas no século XX: necrose*. Tradução de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense, 2006. v. 2.
- \_\_\_\_\_. *O ano zero da Alemanha*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Meu caminho*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O método 4: as ideias – habitat, vida, costumes, organização*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011a.
- \_\_\_\_\_. *O método 6: ética*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011b.
- \_\_\_\_\_. *Cultura de massas no século XX: neurose*. 10. ed. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense, 2011c. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012a.
- \_\_\_\_\_. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012b.
- \_\_\_\_\_. *O método 1: a natureza da natureza*. Tradução de Ilana Heineberg. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. Ed. rev. e modificada pelo autor. 16. ed. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Araripe de Sampaio Doria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014a.
- \_\_\_\_\_. *Au rythme du Monde: un demi-siècle d'articles dans Le Monde*. Paris: Presses du Châtelet, 2014b.
- \_\_\_\_\_. *O método 2: a vida da vida*. Tradução de Marina Lobo, Simone Ceré e Tânia do Vale Tschiedel. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015a.
- \_\_\_\_\_. *L'aventure de la méthode*. Paris: Éditions du Seuil, 2015b.

- MORIN, E.; LEFORT, C.; CASTORIADIS, C. *Mai 68: la brèche: suivi de vingt ans après*. Paris: Fayard, 1968.
- PAILLARD, B. A sociologia do presente. In: PENA-VEGA, A; LAPIERRE, N. (Orgs.). *Edgar Morin em foco*. Supervisão da tradução: Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2008. p. 16-69.
- PRIGOGINE, I. Carta para as futuras gerações. In: ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. *Ilya Prigogine: ciência, razão e paixão*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Livraria da Física, 2009. p. 11-19.
- RIBEIRO, J. S. Crônica do cotidiano juvenil urbano em *Chronique d'un Été*. *Revista Mídia e Cotidiano*: revista do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano, Niterói, v. 6., n. 6, p. 105-130, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22409/ppgmc.v6i6.9741>
- SATT, M. H. C. A dramaturgia do imaginário e da fabulação. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 9, n. 21, p. 1-15, 2008. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9299>
- WALLERSTEIN, I. *Para abrir as ciências sociais*: relatório da comissão Gulbenkian sobre a reestruturação das Ciências Sociais. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1996.

---

Artigo recebido em 2 de março de 2018 e aprovado em 20 de agosto de 2018.